Proficiência digital dos docentes é baixa e pode ser melhorada

O digital está muito presente no nosso dia-a-dia, pessoal e profissional. Para entender a que nível os professores estão no que toca às competências digitais, a Direção-Geral da Educação solicitou um estudo, que concluiu que o nível de proficiência digital dos professores é ainda baixo, mas que está em linha com os resultados de outros países europeus. O estudo envolveu 99.760 docentes dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas da rede pública de Portugal Continental, o que representa 92% dos professores portugueses, e foi conduzido por Margarida Lucas e Pedro Bem-Haja, da Universidade de Aveiro. À PÁGINA, Margarida Lucas, do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, falou sobre os resultados do estudo e sobre a importância que as competências digitais têm na formação inicial de professores e na formação contínua.

Quais as principais conclusões do estudo sobre as competências digitais dos professores? No seu entender, que motivos podem explicar os resultados obtidos?
As principais conclusões do estudo apontam para que o nível de proficiência digital dos docentes [abrangidos] ainda é baixo e pode ser melhorado. Metade dos docentes que participaram no estudo não ultrapassaram o nível básico de proficiência A2 em áreas específicas de competência, como a integração de tecnologias para diversificar estratégias de avaliação, promover metodologias ativas de ensino e aprendizagem ou promover a competência digital dos alunos. No entanto, os resultados estão em linha com os apurados noutros países europeus, sendo que, em alguns casos e em relação a áreas específicas de competência, são até melhores. Há vários fatores que podem ajudar a explicar os resultados, sendo um deles a própria predisposição dos docentes para aceitar e incluir a tecnologia nas suas práticas; ou as condições inerentes a cada contexto, incluindo a disponibilidade e a qualidade do equipamento e da infraestrutura existente, o apoio das lideranças, etc.

Hoje em dia, as competências digitais são fundamentais. O que há ainda a fazer para valorizar esta temática junto dos potenciais utilizadores?
O digital está presente em praticamente todas as áreas da nossa vida, pessoal, profissional e social. A competência digital é uma competência-chave para a aprendizagem ao longo da vida, a par da competência matemática, da comunicação em língua materna ou em línguas estrangeiras, entre outras. E é transversal à aquisição e desenvolvimento destas e de outras competências. Se eu for digitalmente competente, isto é, se fizer uma utilização competente de tecnologias digitais, posso rentabilizar essa utilização para aprender ou para desenvolver outras competências. Há muito a valorizar, mas também já há muito que está a ser feito, como a inclusão desta temática nos currículos e na formação dos professores.

Que importância devem assumir as competências digitais na formação inicial?
É importante que os professores que estão a ser ou venham a ser formados tenham consciência e reconheçam o valor e potencial das tecnologias digitais para as suas práticas profissionais e pedagógicas. Que as saibam 'embeber' nos seus desenhos de ensino-aprendizagem e de avaliação, em suma, nas suas práticas. Ao fazê-lo, e ao requerer que os alunos, também eles, usem as tecnologias no desenrolar das atividades letivas, estão a promover o desenvolvimento da competência digital dos próprios alunos. E isto é essencial. É essencial preparar os alunos para a sociedade e a realidade em que vivemos e que é digital; é essencial que os alunos percebam que as tecnologias digitais também são um meio que lhes pode permitir aprender de forma contínua. Agora, também é necessário que as instituições responsáveis pela formação inicial tenham esta dimensão em consideração na oferta formativa e na construção dos seus planos de curso e que os docentes responsáveis pela sua implementação sejam, também eles, digitalmente competentes. Não sabemos se são. Não sabemos se todas as instituições responsáveis pela formação inicial têm esta componente presente nos seus cursos ou se estarão a formar professores capazes de preparar os seus alunos para a realidade de que falávamos.

A capacitação digital na formação contínua está a ser feita de forma adequada?
A capacitação digital está em curso e, portanto, considero que há esforços a serem feitos. Não tenho elementos que me permitam dizer se é suficiente para cobrir todas as necessidades ou se está a ser feita de forma adequada, mas acredito que também cabe aos docentes serem agentes ativos na busca e participação em oportunidades de desenvolvimento profissional nesta área. Estas oportunidades podem basear-se em momentos de autodesenvolvimento e autoaprendizagem, também com o apoio de tecnologias digitais, ou de colaboração e partilha com colegas, da sua escola ou de outras escolas e contextos.

A pandemia acelerou a necessidade de digitalização da escola?
Sim, embora tenha ficado evidente – o que já se sabia – que a tecnologia e a digitalização não são a única resposta, ou a resposta correta ou mais adequada para a escola que queremos. O que a pandemia trouxe foi uma situação de emergência e não uma situação planeada, refletida e 'ensaiada'. Ensinar à distância, ensinar online ou de forma mista não é replicar o ensino presencial e, por muita competência digital que um docente evidencie, há princípios da educação e da aprendizagem online ou à distância que devem ser tidos em conta quando se pensam modelos de ensino diferentes do presencial.

E quanto aos recursos, as escolas estão preparadas para a transição digital?
A transição para o digital não se faz só de recursos tecnológicos ou infraestruturais, que, obviamente, são essenciais. De pouco adianta ter muito e bom equipamento, por exemplo, se não houver uma ligação à internet fiável, rápida e robusta. De qualquer maneira, as escolas estarão melhor apetrechadas hoje do que estavam há dois ou três anos, tendo em conta

a distribuição de equipamento e a criação de espaços dedicados ao digital nas escolas. A transição far-se-á com mudanças ao nível das práticas organizativas e pedagógicas.

Maria João Leite (entrevista)